

A importância dos dados na tomada de decisão

Marcos Sardas (*)

Diante do novo cenário de transformação digital em que vivemos, é importante que as tomadas de decisão sejam cada vez mais baseadas na gestão de dados

E, também, que o gestor comece a readaptar o seu pensamento estratégico.

Para se ter uma ideia, um estudo do IDC, encomendado pela empresa de data analytics Qlik, realizado com 1,2 mil líderes de negócios em 11 países, aponta que as empresas brasileiras que aprimoraram a tomada de decisões investindo em análise de dados tiveram, em média, um aumento de 21% nas receitas.

No contato frequente com empresas é comum recebermos demandas para solução de problemas, que requerem algum tipo de diagnóstico. Como em uma consulta médica é necessário que o “paciente” nos exponha as suas queixas, e nos deixe explícito o tipo de problema que o aflige. Isso nem sempre acontece com clareza, o que nos obriga a utilizar instrumentos, na identificação desses males, semelhantes aos exames laboratoriais ou de imagem utilizados pelos médicos.

Sem essas informações, poucos médicos, diferentemente do passado, recebem ou emitem um parecer. Esses exames são baseados em entrevistas e informações internas, que sinalizam com muita precisão as correções necessárias e os procedimentos para que o “paciente” volte à sua vida saudável.

Não é novidade que as transformações têm acontecido e impactado os

negócios em uma velocidade tão grande, que torna ainda mais necessário que as decisões sejam tomadas de formas mais rápidas e eficazes - o que só é possível com o auxílio da gestão de dados.

Tome uma decisão: Invista na análise de dados - É um fato que a análise de dados já faz parte da rotina organizacional de qualquer empresa. O estudo do IDC aponta também que em relação ao desempenho das empresas, as melhorias mais relacionadas como resultado de investimentos em gerenciamento e análise de dados foram satisfação/fidelidade do cliente (90%), lucro (89%) e ofertas de serviços (89%).

Geralmente as empresas possuem em seus arquivos, e geram na sua operação diária, uma quantidade de informações suficientes e necessárias, para que as tomadas de decisões possam ser corretivas e assertivas. Porém poucas pessoas se dedicam, ou tem o senso analítico próprio, para lidar e avaliar as informações disponíveis, de forma que elas sejam um diferencial.

Resultados de exames na mão de leigos, pouca utilidade prática possuem. Na mão de especialistas, tornam-se instrumentos importantes e decisivos para uma recomendação confiável. Reveja as suas informações internas, de mercado, de concorrentes, de preços, e de produtos. Reavalie sua situação de caixa, de compromissos financeiros. Analise o potencial de talentos disponíveis e que mereçam uma atenção especial.

Trate suas informações como armas preciosas para conseguir diferenciais e tomar decisões certas e inovadoras.

(*) - É consultor de empresas e sócio diretor da Exxe Consultoria Empresarial (<http://exxe.com.br/>).

Início da retomada demanda gestão organizacional de empreendedores

Ainda que seja complexo projetar cenários futuros, vista toda a imprevisibilidade do atual momento, já é possível perceber que o Brasil vem iniciando sua caminhada em prol da recuperação econômica

Roberto Vilela (*)

O aporte estrangeiro, apontado no indicador de Investimentos Diretos no país, do Banco Central, sinalizou sua retomada, crescendo, de janeiro a maio, 30% a mais do que no ano anterior, atingindo US\$ 22,5 bilhões.

Esse crescimento demonstra a aposta de outros países na economia brasileira e pode auxiliar a aumentar volumes de negócios, estimulando a entrada de novas empresas em nosso território. Em uma pesquisa livre, aplicada em meu perfil no LinkedIn, percebe-se que os gestores apostam em um cenário otimista, onde 70% dos votantes acreditam no aumento das vendas para o segundo semestre de 2021, seguido pelo desejo de estabilidade nos negócios, com 16% dos votos. Muito dessa animação está ligada à evolução da vacinação no país, que auxilia na projeção de um sólido crescimento.

Mas antes de iniciar as expectativas, temos que compreender os impactos do último ano. Ainda que os diferentes setores brasileiros tenham demonstrado sua resiliência, emergindo da crise apostando em novas perspectivas e metodologias, há



70% dos gestores apostam em um cenário otimista para o segundo semestre.

de se ressaltar que, dentre todas as mudanças aderidas, não existem, neste cenário, novidades surpreendentes. Tudo que hoje ocorre no país, e no mundo, já estava em movimento, sendo tendências que já se propagavam com a quarta revolução industrial. Uma rápida pesquisa já é suficiente para demonstrar que o conceito não é novo.

Surgiu há, aproximadamente, uma década, quando o governo alemão visava recuperar sua participação na indústria global, apostando na alta tecnologia e inovação como motor para elevar a competitividade. Embora o Brasil estivesse defasado neste avanço, as vivências adquiridas no último ano e

as mudanças de consumo aceleraram este desenvolvimento, levando o país ao cenário que percebemos hoje. E, ainda que as empresas precisem reformular suas práticas e modernizar seus processos para seguirem ativas, também se deve ressaltar que inovações não são ferramentas fantasiosas ou mirabolantes.

A inovação, muito abordada ultimamente, nada mais é do que um novo olhar sobre o sistema, buscando a diminuição da complexidade para gerar resultados. Para tanto, cada caminho é único. Tortuoso? Talvez, mas não inalcançável e não precisa ser visto como assustador ou complicado. Entre as

tendências que se formulam, a experimentação é a chave. Além de trabalhar pelo equilíbrio financeiro, gestores devem conciliar o presente com o olhar para o futuro e trabalhar em ferramentas que permitam um maior leque de possibilidades e oportunidades.

Para tanto, além de explorar os recursos tecnológicos, buscar trabalhar a alta gestão, desenvolver políticas internas focadas na cultura organizacional e fortalecer o relacionamento com os clientes são passos que podem nortear os empreendedores neste percurso. Por fim, o que determinará o seguimento do negócio nesta retomada é, mais do que nunca, a habilidade de gestão.

Empresas que saibam gerenciar seus empreendimentos e escolher, sabiamente, seus investimentos terão mais chances de alcançar bons resultados. Já aquelas que se imergem apenas em sua própria realidade, sem analisar cenários ou tardando na tomada de decisões, não chegarão a tempo para esta corrida.

(*) - É consultor empresarial e mentor de negócios. Autor dos livros 'Em Busca do Ritmo Perfeito' e 'Caçador de Negócios' (www.orobertovilela.com.br/).

As profissões mais buscadas por empregadores no 1º semestre

O Banco Nacional de Empregos - BNE listou as dez ocupações com maior número de vagas abertas no 1º semestre: estagiário; vendedor; auxiliar administrativo; auxiliar de serviços gerais; atendente; auxiliar de produção; recepcionista; motorista; assistente administrativo e promotor de vendas. As buscas por estagiário, vendedor, auxiliar administrativo e auxiliar de serviços gerais cresceram respectivamente 19%, 44%, 26%, 69%.

No ano passado, por exemplo, foram 5.456 vagas disponíveis para vendedor, contra 7.872 oportunidades neste ano, com o comércio mais aquecido. Para o CEO do Banco Nacional de Empregos - BNE, Marcelo de Abreu, a economia já está sentindo os efeitos do retorno do varejo. “Após o ano difícil de 2020, estamos vendo o mercado de trabalho voltar a se estabilizar, principalmente nos setores que foram mais impactados pela pandemia, como é o caso do comércio”, explica.

As vagas de estágio, que também foram impactadas em 2020, voltaram a subir em 2021. Até o primeiro semestre do ano passado, foram 6.716 vagas contra 8.057 neste ano. De fevereiro a outubro de 2020, as vagas de estágio caíram 56% quando comparadas com o ano anterior. “O fechamento de oportunidades de estágio foi consequência da mitigação de gastos de muitas companhias”, comenta Marcelo.

O candidato interessado em obter as vagas deve se atentar às tendências do setor e buscar qualificação para



A economia já está sentindo os efeitos do retorno do varejo.

preencher essas posições. “É importante que os candidatos prestem atenção nos setores que mais estão contratando e comecem a candidatar seus currículos nas plataformas de emprego, como o BNE”, conta Marcelo.

O currículo deve ter informações atualizadas, objetividade e atenção aos erros. “É muito comum encontrar currículos desatualizados e com erros de ortografia. Os documentos devem ter informações objetivas e precisas, visto que os recrutadores não gastam muito tempo lendo currículos”, finaliza Abreu. - Fonte e outras informações: (www.bne.com.br/).

O enorme desafio da aposentadoria. Você não vai querer pagar pra ver

Ricardo Hiraki Maila (*)

Quando pensamos no destino na nossa sociedade, observamos que existirão diversos desafios a serem superados.

Crescemos ouvindo sobre os prováveis problemas climáticos pelo efeito do aquecimento global, a água como um provável recurso de disputas internacionais, a produção de alimentos para uma população mundial cada vez maior, a geração de energia sustentável e até o que parecia improvável, mas agora já virando história, uma pandemia.

No entanto, já notaram que outro enorme desafio que teremos que superar é termos recursos financeiros para custear uma aposentadoria de pessoas que vivem cada vez mais? Ou ainda que vivemos em um sistema de aposentadoria por boa parte do mundo e, inclusive no Brasil no qual as gerações mais novas custeiam os aposentados, mas que a base da pirâmide tem mudado a proporção? Menos pessoas nascem e a expectativa de vida tem aumentado.

No Brasil temos um agravante ainda maior, estamos nos tornando um país de alta expectativa de vida e na economia não estamos evoluindo para um país mais rico. Para financiar uma aposentadoria existem

basicamente três possibilidades: a Previdência Social do Governo, fundo de pensão através das empresas que trabalhamos e a produção de patrimônio pessoal.

A Previdência Social já representa mais de 30% dos custos do orçamento do Governo, por isso, essa pauta se tornou tão importante dentro da política econômica do Brasil e também de muitos outros países. Já é certo que esse formato é insustentável e por isso o futuro dele é que tenha cada vez mais alterações em suas regras.

Os fundos de pensões dentro de empresas ou grupos de profissões tem se tornado cada vez mais raros. Estudos recentes mostram que houve uma redução de quase 50% na oferta desse benefício; especialmente impulsionado pela flexibilização das leis trabalhistas, sistemas de terceirização e avanço de tecnologias.

Desse modo, a terceira via se torna a mais importante e desafiadora para nós, significa que precisaremos fazer por nós mesmos a geração de patrimônio privado que irá nos custear na velhice. Mas então, qual o tamanho dessa “bucha”? Para a geração que está trabalhando hoje será enorme. Significa que precisaremos deixar de consumir parte hoje, para salvar e investir, e

assim, talvez ter o suficiente para o futuro e isso definitivamente não é nada simples.

Temos uma enorme dificuldade de gerar conexão com o nós do futuro e assim vemos pouca importância em realizar sacrifícios hoje, isso afeta nossa disciplina e foco. Essa falta de empatia por nós mesmos velhos quebra o motivo. A desigualdade social e a não evolução da economia têm gerado orçamentos familiares cada vez mais restritos, o que tem dificultado a possibilidade de termos espaços de reserva de recursos.

Final, se a situação aperta, nos resta pagar o presente para nos mantermos.

E a falta de educação financeira e a inércia de aceitarmos conviver com dívidas e consumos de coisas que não são importantes, produzem perdas que dificultam ainda mais produzir a geração de salvas pessoais.

A ideia neste artigo não é criar ansiedade e pessimismo sobre o futuro, mas sim chamar atenção e trazer a responsabilidade para hoje. Não teremos opção de terceirizar a Governo ou empresas o nosso conforto uma vez velhos. Precisaremos aprender a fazer nós mesmos esse caminho.

(*) - Formado em Administração pela FGV, com pós em Gestão de Negócios pelo Mackenzie e MBA pela FGV, é sócio-fundador e atua como CEO e CFO do Plano Consultoria.

Pandemia aponta novos rumos para o mercado imobiliário

Assim como já ocorreu no passado, o mercado imobiliário tem demonstrado maneiras para crescer, mesmo em meio à crise econômica que o país passa em razão da pandemia de Covid-19. Obviamente que, no caso da pandemia, a orientação de se fazer isolamento social, que fez com que muitos comessem a trabalhar em casa, foi preponderante. Aliado a isso, se tem a baixa da taxa de juros que foi aplicada pelas instituições financeiras.

O presidente da Associação Brasileira dos Mutuários da Habitação (ABMH), Vinícius Costa, observa que, com a necessidade e disposição de permanecer em casa para evitar contágio e a proliferação da doença, as pessoas passaram a ter uma maior consciência e ligação com a casa própria. “Isso porque passou a ser colocado na balança a disputa de qualidade de vida versus qualidade do imóvel”.

Antes da pandemia, com o trabalho, sendo concentrado especialmente na sede das empresas, as pessoas não se importavam muito com o estado do imóvel. “O que mais importava, às vezes, era simplesmente uma localização para facilidade de locomoção”, justifica. Hoje, com a alta do home office e a necessidade de se permanecer em casa, a residência acaba sendo um pouco afastada, na busca de

imóveis que fornecem à família uma melhor qualidade estrutural.

“Vê-se muito isso através da procura por imóveis em condomínios de casa com área verde e prédios mais estruturados com área de lazer, por exemplo”, diz Vinícius Costa. Ele acredita que concentração de pessoas nas grandes cidades também poderá sofrer um impacto. “Isso porque esses imóveis são mais facilmente encontrados em regiões metropolitanas ou cidades menores, mas mais próximas de grandes centros”, aponta.

Somado a esse movimento de busca de qualidade de moradia, ligada à estrutura do imóvel, tem-se a baixa na taxa de juros que privilegia a aquisição à locação. “Com a taxa de juros do financiamento baixa e a alta do IGP-M, investir recursos em parcela de financiamento, mesmo pagando juros, é algo muito mais vantajoso financeiramente a pagar um aluguel mensal”, conta o presidente da ABMH.

Mas não é só o ponto de vista financeiro que bate nessa conta, segundo Vinícius Costa. “A aquisição de um imóvel configura aumento de patrimônio, que não tende a perder valor. Já no caso da locação, todo o valor investido não vai retornar em forma de patrimônio à família”. Fonte e outras informações: (www.abmh.com.br/).